

01.

Gisela Pinheiro
Doutoranda em Design
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
giselapinheiro.ua@gmail.com

Teresa Franqueira
Professora Associada c/ Agregação
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
teresa.franqueira@ua.pt

Seis décadas de design em Portugal: a sua afirmação, institucionalização e valorização

*Six decades of design in Portugal:
its affirmation, institutionalisation,
and valorisation*

Este artigo é parte integrante duma investigação de doutoramento cujo objetivo é questionar a relevância dum Chief Design Officer (CDO) em empresas no âmbito do tecido empresarial português. Compreender a história do design português torna-se relevante para uma contextualização local e posicionamento atual da liderança pelo design, visando uma perceção ampla do valor do design em Portugal.

Definem-se as décadas entre 1950 e a atualidade como o hiato de observação, descrito com base numa extensa revisão de literatura sistémica que contempla a aferição de empresas, designers, exposições, publicações, organismos, cursos e instituições de ensino que atuaram, ou foram espaço de atuação, neste arco temporal. O panorama político, social, cultural e económico do país e da Europa também foi observado, permitindo compreender o enquadramento dos acontecimentos históricos descritos.

Coloca-se, como hipótese, uma síntese da redesenha histórica da profissão de design em Portugal, subdividida em: a afirmação (1950 a 1968); institucionalização (1969 a 1979); o reconhecimento (1980 a 1989); a internacionalização (1990 a 1999) e os reveses e a valorização (2000 a 2022). Prevê-se a validação e a extração de conclusões holísticas que permitam estabelecer um padrão de crescimento da integração do design no meio empresarial e na sociedade portuguesa.

Palavras-chave design português, Chief Design Officer, empresas, história, Portugal.

This article is part of a Ph.D. research that questions the role of a Chief Design Officer (CDO) in companies within the Portuguese business landscape. Understanding the history of Portuguese design becomes relevant to provide a local framework and to grasp the contemporary positioning of design leadership, aiming for a broader perception of the value of design in Portugal.

The decades between 1950 to the present day were defined as the observational space, based on an extensive systematic literature review that includes the assessment of companies, designers, exhibitions, publications, organisms, courses, and educational institutions that acted, or were spaces of action, in this timeframe. The political, social, cultural, and economic scene of the country and Europe have also been observed, enabling a deeper understanding of the historical events outlined.

As a hypothesis, a historical overview of the design profession in Portugal is suggested, classified into: affirmation (1950 to 1968); institutionalization (1969 to 1979); recognition (1980 to 1989); internationalization (1990 to 1999); setbacks and recognition (2000 to 2022). It is expected that this study validates this hypothesis and provides holistic results to establish a growth pattern in the mainstreaming of design within the business arena and Portuguese society.

Keywords portuguese design, Chief Design Officer, companies, history, Portugal..

1. Introdução

Este estudo constituiu uma componente inicial duma investigação de doutoramento a decorrer em ambiente empresarial e cujo objetivo é questionar a relevância dum Chief Design Officer (CDO) em empresas, recorrendo ao desenvolvimento de produtos multi e plurifuncionais para a Revigrés. Assim, objetiva-se uma compreensão do cenário geral do design português nas últimas seis décadas, atendendo ao contexto de atuação corporativo que envolve a Revigrés, enquanto plataforma experimental da investigação de doutoramento. Recorreu-se a uma revisão de literatura sistémica, baseada num protocolo de investigação que se dividiu em duas grandes etapas: o levantamento e mapeamento de publicações, certames, cursos, instituições de ensino, designers, empresas, organismos e acontecimentos políticos, sociais e culturais no arco temporal entre 1950 até à contemporaneidade e respetiva análise. Atendendo à extensão temporal definida, este artigo destaca apenas alguns dos eventos mais relevantes de cada década.

Esta abordagem sintetizada da história portuguesa visa efetuar, posteriormente, uma confrontação com a história da gestão do design (Pinheiro e Franqueira, 2020), da liderança em design com recurso a casos de estudo (Pinheiro e Franqueira, 2021), a história da gestão do design em Portugal e a história da Revigrés, que têm vindo a ser estabelecidas de acordo com o mesmo período temporal. Prevê-se que, neste diálogo histórico, se encontrem pontos de análise similares que permitam descrever um padrão de crescimento na integração do design nas organizações e aferir a sua maturidade para incorporar líderes de design observando-se, posteriormente e de forma concreta, o caso da Revigrés.

2. 1950 a 1968: A afirmação do design português

Na Europa a década de 50 e 60, foram anos de reconstrução, de implementação de estratégias promotoras do desenvolvimento económico, de descolonização e radicalização crítica em relação às políticas nacionais e internacionais, principalmente no que concerne aos direitos humanos, bem como uma alteração do programa de modernização universal e de disseminação e hegemonia da cultura americana (Almeida, 2014).

Por sua vez, os anos 50 são também marcados pela inovação pedagógica protagonizada na Escola de Artes Decorativas António Arroio por Frederico George, que incorpora na sua metodologia educacional conceitos da Bauhaus. Com o apoio de docentes como Bragança Gil, Manuel Rio-Carvalho, Daciano Costa, Sena da Silva, intelectualizaram o ensino do desenho e deram-lhe um enquadramento técnico (Fragoso, 2010).

Em 1959, a ténue afirmação do design português por intermédio da revista *Almanaque* ou pela edição *Cidade Triste e Alegre* de Victor Palla e Costa Martins era ambivalente ao capitalismo em vigência do Estado Novo, a qual assumia contornos particulares pela estrita regulação que visavam defender os seus interesses estratégicos (Baltazar, 2015) Além disso, a dicotomia estabelecia-se, também, na necessidade de progressão industrial que se enquadrava nos princípios estratégicos do INII [1], e na reconfiguração e reconciliação das dinâmicas produtivas internas e de comunicação para o exterior, promovidas por empresas como a Metalúrgica da Longra (Almeida, 2015). Assim, esta coexistência de forças opostas, geraram condições para que o entendimento do design na modernidade, reforçado pelas relações entre designers e empresas. Destas ressaltam, a simbiose entre Daciano da Costa com a Metalúrgica da Longra, José Espinho com a Fábrica de Móveis Olaió e de José Cruz de Carvalho com as empresas Altamira e Interforma (Almeida, 2009).

Gradualmente, o design português, assevera-se e o debate teórico em torno da disciplina e da posição social e política do seu executante é enriquecido por figuras incontornáveis como Carlos Duarte, Calvet Magalhães, Daciano da Costa, João Constantino, Lima Freitas, Maria Helena Matos, Nuno Portas e Sena da Silva.

Neste período, a educação de profissionais encontra-se significativamente atrasada relativamente ao panorama internacional. Em 1962, após impedimento político de lecionar na Escola de Belas-Artes de Lisboa, Daciano da Costa inicia uma nova experiência de docência, no seu atelier, com o curso “Design Básico” com a colaboração de Frederico George, Lagoa Henriques e Roberto Araújo (Fragoso, 2010). Com uma estrutura fundamentada na Bauhaus, por este curso passaram profissionais como Cristina Reis, José Brandão, João Segurado e José Moura George (Ibid.). Estes discentes, aos quais se junta José Pinto Nogueira, Alda Rosa e Jorge Pacheco, usufruíram, posteriormente, de bolsas da FCG, que lhes permitiu estender a sua formação no Ravensbourne College of Art and Design sendo finalizada entre 1970/71, constituem a primeira geração de designers com curso superior (Bártolo, 2015).

Num esforço de atualização do design português, em 1965, ocorre Quinzena de Estética Industrial um conjunto de eventos que envolvia ciclo de conferências, exposição bibliográfica, jornadas de Estética Industrial e a Exposição Internacional de Industrial Design que reuniu atores nacionais e internacionais (IADE, 2014). As exposições que incluía serviram de mostra de produtos industriais de países europeus como França, Itália, Finlândia e Reino Unido e projetos como o mobiliário desenvolvido por Cruz de Carvalho para a Altamira Interforma; as loiças sanitárias da Fábrica de Loiça de Sacavém; a faianças de Mirja Câmara Leme para a Secla; e a linha de mobiliário de escritório Cortez de Daciano da Costa para a Metalúrgica da Longra. O resultado mais frutífero deste evento recai sobre o debate gerado por influxo ideológico que a perspetiva internacional traz, servindo de veículo para a Exposição de Design Português que acontece em 1971(Bártolo, 2014).

3. 1969 a 1979: A institucionalização do design português

Os fundamentos de Frederico George incitaram a que além da composição da disciplina de forma racional, globalizante e pragmática, se alie o hiato da componente pedagógica e teórica que teve um contributo decisivo na composição dos fundamentos e na emergência do ensino da disciplina de design em Portugal. Como tal, em 1969, surge, com o apoio do INII, o IADE [2], primeiramente com um curso de Decoração, que evolui para uma prática do design mais consonante, tornando-se a primeira escola diretamente vocacionada para o ensino específico e continuado do design em Portugal (IADE, 2014). Em 1973 surge a Ar.Co e multiplicam-se os cursos de design e comunicação visual na SNBA [3], conferências, simpósios, são criados novos ateliers de design e o número de publicações aumenta entre catálogos, revistas e jornais (Almeida, 2015). A estratégia diligente que continuava a ser promovida pela INII e pelo FEE [4], envolveram não só nos anos 60, mas também nos anos 70, cursos ministrados por diversos especialistas da esfera internacional (italianos, americanos, ingleses e escandinavos). Esta preocupação em importar conhecimento ilustra na sua plenitude o interesse do setor industrial e de diversos organismos em criar mecanismos de divulgação do design (Barbosa, Calvera e Branco, 2015).

Em 1971 e 1973, ocorrem as Exposições de Design Português, eventos significativos na história do design em Portugal, no sentido em que permitem uma reflexão global do panorama da disciplina, bem como, do que os profissionais do design podem oferecer (Almeida, 2015).

A 1ª Exposição de Design Português, organizada pelo Núcleo de Design Industrial do INII na FIL [5], contou com mais de 50 participantes dos quais se destacam: António Garcia, Carlos Rocha, Daciano da Costa, José Espinho, Manuel Rodrigues, Sena da Silva, Victor Manaças, entre outros (Barbosa, Calvera e Branco, 2015). De acordo com Almeida (2015, p. 88), Frederico George, num catálogo oficial deste certame, determina o design da época como “proto-design”, consistindo no apego aos paradigmas internacionais sem que se compreenda que a atividade de design ocorre “da capacidade artesanal, conhecimento tecnológico e capacidade industrial de um determinado país”. Este evento teve, ainda, como intuito de clarificar os designios do design através de uma coleção de imagens que serviriam para apelar a atenção do público para alguns dos aspetos elementares do design como o facto de ser uma disciplina capaz de corresponder a problemáticas da atualidade que ultrapassam a apreciação competitiva ou comercial, de modo a evitar a interpretação errónea da exibição em Lisboa. Este esforço foi, porém, em vão, demonstrando que a compreensão do papel do design se encontrava apenas circunscrito a um meio de atuação específico e restrito (Barbosa, Calvera e Branco, 2015). Já a 2ª Exposição de Design Português visou ampliar o papel do design nos demais setores da sociedade, através da mostra de diversos produtos e pela publicação da literatura que integraram o catálogo oficial (ibid.). Os resultados das exposições focaram-se não só na divulgação da disciplina, mas também na provocação relativa ao contexto do design em Portugal e a ignorância pública e estatal que a contornam.

Em 1974, Daciano da Costa e José Cruz de Carvalho fundam a empresa de design: Risco. Ademais, aliada à mutação do contexto social e político da segunda metade da década, ocorre uma desacceleração do investimento imobiliário que se reflete preponderantemente em projetos de design de interiores e de design industrial, a Metalúrgica da Longra é extinta e o atelier Daciano da Costa sofre uma retração (Almeida, 2009). Porém, é também neste ano, que florescem os primeiros cursos de ensino superior em design, em instituições públicas (Barbosa, Calvera e Branco, 2015). Com a gradual consolidação do ensino em design e graças aos constantes esforços de diversos profissionais, em 1976 é constituída a APD[6], onde se denota a ausência de figuras significativas do design português, como Victor Palla, Paulo Guilherme ou João Constantino (Almeida, 2009). Esta associação constitui-se como a primeira representante da classe profissional do design em Portugal, visando a sua prática e promoção (APD,1976).

4. 1980 a 1989: O reconhecimento do design português

No início da década de 80, iniciativas organizadas pela DGQ [7] que envolveram designers como Sena da Silva, consistiram na criação de um comité técnico de uniformização de mobiliário (Barbosa, Calvera e Branco, 2015). Em 1982, como resposta a uma crise que já se fazia sentir, a APD sob a direção de Sena da Silva, em colaboração com a AIP [8], BPA[9] e FCG[10], promoveu, na SNBA, a exposição “Design & Circunstância”. Esta exposição contou com a presença de cerca de 38 designers, figuras incontornáveis na divulgação do design português nos mercados internacionais e impulsionadora da disciplina no país (Silva, 2015).

Em 1985, é fundado o CPD [11], que com o apoio de parceiros públicos e privados como AIP, AEP[12], ICEP[13], INPI[14], IPQ[15], assim como internacionais DMI[16] e BEDA[17], constitui-se como um organismo de destaque na divulgação, disseminação, internacionalização e valorização do design português junto da sociedade. O design português é, ainda, impulsionado pelo esforço de industrialização nacional, que se intensifica com a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986. No mesmo ano, de forma a impulsionar o design português, surge o concurso Jovem Designer, e em 1987, a APD participa no Congresso ICOGRADA [18], em Amsterdão (APD, n.d.). Esta é, assim, uma década assinalada pelo aparecimento de várias medidas políticas, cujo propósito primário residia na modernização da base económica do país, por intermédio da reorganização dos sistemas produtivos que a fundamentam. Neste sentido, Silva (2015), refere a implementação de medidas como a criação do ICEP, que manifesta uma importância significativa na área de design industrial.

5. 1990 a 1999: A internacionalização do design português

Ao longo da década de 90, o CPD com o PEDIP II [19], na coordenação de uma Campanha de Sensibilização do Design com o objetivo primordial de promover a internacionalização de produtos portugueses, estimular a competitividade, e incitar à valorização do design em meio empresarial. Como tal, para a consolidação da rede de contactos entre designer e empresas, são organizadas um conjunto de publicações, seminários, feiras, exposições, concursos nacionais, entre outros (Barbosa, Calvera e Branco, 2015).

Por outro lado, a parceria entre o CPD e o ICEP, apoiada politicamente, demonstra o crescente esforço de dinamização e promoção do design português de acordo com três eixos fulcrais: a indústria, a internacionalização e o desenvolvimento adequado a novos consumidores. As exposições tornam-se a principal ferramenta de disseminação do design no contexto das estratégias que advêm desta parceria. As aproximações às instituições de ensino dão-se, fundamentalmente, pelo concurso Jovem Designer permitindo, igualmente, nutrir e reformular os conteúdos e autoria das exposições. Esta política do design, estrategicamente ímpar na história do design português, permitiu rentabilizar fundos comunitários e propor possibilidades através de grandes eventos nacionais que marcaram a década de 1990, tais como: a Europália (1991), a Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) e Expo'98 (Silva, 2015). Contudo, a nível internacional, também se verificou um aumento de exposições de design português que derivam deste contexto, nomeadamente: "Design para a Cidade" (1991) "Exposição de Design Português" (Tóquio, 1993), "Os Caminhos do Design" (1993), "A Road Show – Produtos Portugueses" (1996), entre outras (Bártolo, 2015). Destacam-se ainda eventos menores, mas também, significativos para a definição do design português, como o colóquio "Design, Inovação e Tecnologia" organizado pelo CPD em 1990 ou a publicação da revista Cadernos de Design, a partir de 1992, promovida pela mesma entidade (Silva, 2015). Em 1994, a APD organiza exposições individuais onde consta a "Design & Designers", o primeiro diretório de design português onde numa relação simbiótica entre o design e arquitetura, conforme refere Bártolo (2015), além de Sena da Silva, Daciano da Costa, Cristina Reis, Sebastião Rodrigues e Adalberto Cardoso. Já em 1999 é organizada a primeira edição da bienal de design portuguesa – ExperimentaDesign, em Lisboa, com abrangência internacional, que revelou a existência real de um público para conferências, workshops e exposições (Bártolo, 2015).

6. 2000 à atualidade: Os reveses e a valorização do design português

A viragem do século é dada pela continuidade, em 2001, da 2ª ExperimentaDesign, com edições que se sucederam entre 2003 e 2017. Tendo como principal vetor o design, na sua amplitude, nas suas múltiplas vertentes criativas e práticas e na sua capacidade estratégica e metodológica, esta bienal englobava ainda, arquitetura, cinema, fotografia, multimédia, vídeo e artes visuais. Este evento pode ser considerado como uma alavanca de inovação e de experimentação do design português, contribuindo para a divulgação e valorização da disciplina (Pina, 2017). Por outro lado, a sua importância estendeu-se à integração cultural de Portugal nos roteiros dos grandes eventos culturais à escala mundial, construindo uma plataforma de promoção da contemporaneidade cultural, de discussão, reflexão e partilha de conhecimento (experimentadesign, n.d.).

Na sequência da discussão em redor da necessidade da criação duma ordem nacional de designers, é fundada em 2001 a AND [20]. À semelhança da APD, esta associação visa, "a defesa do design e dos profissionais do design, o reconhecimento e institucionalização da profissão" (AND, n.d.). Desde o início da sua atividade, que esta associação organiza e participa num conjunto significativo de iniciativas - LX Design Show, Prémios de Design AND, Congresso de Diseño Gráfico - Bilbao, IF Design Awards entre outros, ou apoia a investigação, nutrido a cultura do design através de parcerias nacionais e internacionais (ibid).

Em 2006, a APD promove o aditamento da atividade profissional de "Designer" na tabela de atividades do artigo 151.º, sendo em 2007, a designação específica de designer incorporada no código de IRS (1336) e em 2011 esta atividade é reconhecida, integrada e publicada na Classificação Portuguesa de Profissões de 2010 (INE, 2011; Ministério das Finanças, 2001).

Surgem, também, apoios financeiros como o programa Leonardo da Vinci, Inov- Art (2009-2011), Erasmus para Jovens Empreendedores (2009), INOV Contacto (2015), entre tantos outros, que se propagaram até a contemporaneidade. Estes programas de incentivos auxiliaram não só a integração de profissionais no mercado, mas contribuíram, igualmente, na sua internacionalização (DGArtes, 2019). Entre 2010 e 2011, por razões políticas, é extinta a APD.

No decurso do ano de 2011 dá-se início ao programa do auxílio do FMI em Portugal como resposta a uma crise financeira que potencia estrangulamentos sociais, inclusive fluxos de emigração (Jorge, 2013). Bártolo (2015) refere que, de designers emigrados nascem iniciativas de referência com o intuito de disseminação do design e cultura portuguesa, como Paz D'Alma - Design aus Portugal, Best Portuguese Design Books e The Portuguese Conspiracy, em Londres. Também se destacam os estúdios de design como o Change is Good, por José Albergaria e o Atelier Carvalho Bernau, com Susana Carvalho como cofundadora.

Em 2012 é publicado o Manifesto para o Design Português onde consta a intenção de coesão profissional (Bártolo, et al., 2012). Ainda, neste ano, ocorre o que parece ser uma das maiores manifestações contemporâneas em território nacional, resultante do movimento de cidadãos autointitulado de "Que se Lixe a Troika! Queremos as nossas Vidas!". Paralelamente, encontra-se em decurso no Mude, desde 2011, a exposição "Morte ao Design! Viva o Design! O objeto em reflexão,

1980-2000" (Mude, 2011). Ironicamente, a coligação destes dois eventos, apesar de em nada se correlacionarem, apresentam um pouco o estado de espírito de muitos dos que se manifestaram nas ruas do Porto e Lisboa.

Por sua vez, em 2013, dá-se a extinção do Centro Português de Design (CPD), com atividade descontinuada por razões económicas, como alega o Ministério da Economia ao DN (Lusa, 2019), o que criou uma ausência significativa na história e contemporaneidade do design português.

O Ano do Design Português assinalou-se em 2015. Esta iniciativa constituiu-se como um catalisador de ações e projetos e apresentou uma plataforma digital participativa, que possibilitou o mapeamento do design português, que segundo Guedes (2015) constituiu a base de dados do design nacional. Este certame foi igualmente fulcral para a divulgação do design português no panorama internacional, pela parceria institucional estabelecida com o São Paulo Design Weekend, a Made 2015 e o London Design Festival. (ibid)

Entre 2015 e 2018 são inauguradas a Porto Design Factory e a Aveiro Design Factory respetivamente, enquanto plataformas experimentais que advogam sinergias entre o ambiente educacional, corporativo, político e comunitário, integrando-se na rede internacional de design factories (Pinto, 2015; Bastos, 2015; Linhas, 2018)

A Casa do Design no Edifício dos Paços do Concelho é inaugurada em 2016. Em 2018, sucede-se a exposição "Presente Futuro. Design para a mudança", com 38 propostas contemporâneas, artefatos coletivos resultantes de parcerias e idealizados por autores, empresas, instituições de ensino ou centros de investigação distintos (Mude, 2018). Entre 2019 e 2021 ocorre a Porto Design Biennale promovida pelos municípios do Porto e de Matosinhos e organizada pelo centro de investigação da ESAD, resultado numa reflexão sobre o papel do design nas comunidades (Vieira, 2021).

7. Resultados preliminares

A análise de que o design português ter-se-á gradualmente impresso na história incita à colocação da hipótese de segmentação do impacto do design de acordo com a sua: afirmação, institucionalização, reconhecimento e internacionalização, culminando numa contemporaneidade ambivalente, mas caracterizada por uma valorização e integração crescente disciplina na sociedade e na indústria.

Na conjectura do Estado Novo, é por veículos institucionais como por exemplo o INII, que o design começou a ter uma expressão mais evidente. Assim, é pela introdução de metodologias educacionais fundamentadas na Bauhaus, as relações entre designers e empresas estabelecidas, publicações como a revista Almanaque, e a organização de certames de promoção nacional e internacional como a Quinzena de Estética Industrial, que os anos de 1960 se estabelecem como um momento de **afirmação** do design português. Apesar de, os cursos de formação artística da SNBA, com conteúdos programáticos em design assumirem um papel pioneiro, bem como os preceitos de Frederico na década anterior, é com o IADE que os historiadores do design português, normalmente referenciam como marco da **institucionalização** do design em Portugal (Almeida, 2009; Bártolo, 2015; Silva 2015)

Os resultados das duas Exposições de Design Português ocorridas na década de 70, incidiram não só na divulgação da disciplina, mas também na provocação relativa ao contexto do design em Portugal e a ignorância pública e estatal que a contornam. Apesar de se denotar quebras a nível industrial e um desconhecimento sobre a disciplina, é na década de 70 que se verifica um aumento na criação de cursos de design, culminando na formação da APD, acontecimentos que permitiram oficializar a prática do design em Portugal.

Na década de 80 surge o CPD, uma organização estratégica e nuclear para o **reconhecimento** e valorização do design português apoiando-se em organizações estatais e dinamizando novos eventos, publicações e contribuindo para a integração do design nas empresas.

Os esforços dos designers e de diversas entidades que promoveram o design em Portugal, permitindo a sua institucionalização, disseminação, divulgação, o advento da profissão pela crescente oferta de ensino especializado e superior, incitam a que a década de 1990, se vincule à sua valorização e empreendimento de **internacionalização** do design português. Este comprometimento é evidente pelas práticas do CPD através de parcerias políticas e institucionais e por um conjunto de eventos dos quais se destaca a Expo 98 ou pela edição da bienal de design portuguesa ExperimentaDesign. Já o início do século XXI é assinalado pelo aumento de profissionais, por consequência da abertura de cursos de ensino superior e pela crescente circulação internacional de estudantes e designers por escolas, bienais, conferências, workshops, exposições, concursos e outros eventos relacionados com a disciplina, que formularam a sua contemporaneidade em Portugal.

Assim, este é um período que **reafirma** todas as conquistas anteriores, acentuando o valor do design na sociedade. Contudo, é uma época de ambivalências evidentes pelo crescimento constante em investigação na área do design, incentivado por instituições de ensino e por apoios financeiros providenciados por organismos públicos ou privados. Apesar deste crescimento, do enquadramento legislativo da disciplina e a sua imposição na comunidade científica e em meio empresarial, assiste-se nestes anos ao encerramento de entidades essenciais para a defesa e promoção desta profissão. A reclusão da ExperimentaDesign, o encerramento do CPD e da APD contrapõem-se à criação de Design Factories ou espaços curatoriais como o Mude e a Casa do Design. Este é também um momento de maior consolidação e proximidade com o panorama do design internacional, evidente pelos diversos eventos que posicionam o design na dinâmica internacional e pelas Design Factories enquanto plataformas experimentais de convergência interdisciplinar.

8. Discussão

O fadário crítico gerado nos últimos anos, por intermédio de um crescendo de produção académica, ministrados pelas diversas instituições de ensino superior portuguesas, a curadoria de exposições e os artefactos que espelham décadas de história, têm em muito contribuído para o delinear do território do design em Portugal. A investigação em design de cariz sistémico e de aprofundamento de temáticas singulares, que alcançam a história, a teoria e a prática do design em Portugal e servem para cartografar o território contemporâneo de atuação, incitando à desconstrução de hierarquias que valorizam o posicionamento simbólico, conceptual, industrial, narrativo, sociopolítico e económico do design português. Este estudo conduziu a três conclusões que demonstram este crescimento gradual e holístico:

1) O design como uma disciplina recente em Portugal

Apesar da extensão histórica da cultura material portuguesa Parra (2014), o design em Portugal é uma disciplina relativamente jovem, considerando-se que a sua institucionalização ocorre em 1969. Ao contrário de disciplinas como a medicina, arquitetura ou a engenharia com um corpo de conhecimento estabilizado, o design ainda se está a definir, a procurar o seu posicionamento na sociedade portuguesa, a construir-se, expandir-se, mutar-se e a progredir, impulsionado por uma crescente massa crítica derivado da substancial formação de designers em Portugal (Agapito et al., 2015; INE, 2021)

2) O adiamento, atenuação e difusão do design em Portugal

De certo modo, pode-se afirmar que a profissionalização do design português foi algo adiada, constantemente atenuada, e até mesmo, difusa. O seu adiamento deve-se ao facto do design em Portugal, impulsionado pelo capitalismo e pelas condições culturais e políticas, chegou tardiamente ao modernismo. Por outro lado, a sua atenuação advém da constatação pelo discurso histórico, em que a sua implementação foi composta por constantes avanços e recuos, na sequência de estratégias reativas e defensivas, de profissionais e instituições derivadas das circunstâncias culturais e políticas de Portugal. É apenas em 2007, que a designação de designer é incluída no código de IRS. Contudo, a história do design português que a precede é fundamental para a legalização da disciplina, sobretudo quando, numa era onde o progresso científico e tecnológico é evidente, provoca uma contemporaneidade cuja desmaterialização requer artefactos que não sejam apenas delineados pela matéria, mas também como uma representação dos valores semânticos e simbólicos da cultura imaterial. A alegação da sua difusão advém do facto de esta se constituir como uma disciplina extremamente polivalente, e apesar de coexistirem configurações de especialização dentro da esfera do design, não se evidencia a criação de mecanismos de regulação e legitimação.

3) O design com mediador cultural

A modernidade analisa a inserção do design como um vetor de inovação, capaz de impactar o modo de pensar, produzir e de responder de uma indústria (Pina 2017). O design já não é visto como um agente que atua à superfície como se contactou em décadas anteriores, mas incorpora-se cada vez mais no núcleo de uma empresa. Eventos como a ExperimentaDesign ou a Porto Design Biennale; os eventos de curadoria; a aposta em Design Factories são uma montra nacional e demonstram a uma maior proximidade, mediando relações entre universidades, municípios e empresas. O design é, assim, um mediador cultural, impulsionando o desenvolvimento, promoção e difusão de artefactos, juntando designers, criadores, investigadores, empreendedores, entre outros stakeholders e construindo sinergias entre várias áreas de conhecimento. Este crescimento alavanca, porém, questões que podem incitar a um aprofundamento futuro, no âmbito da tese de doutoramento mencionada: Como é que esta visão de mediação e interlocução do design se reflete no tecido empresarial português? Atualmente, a adoção estratégica do design em meio empresarial é nutrida no âmbito português? Existem designers portugueses em cargos estratégicos e integrados na gestão de topo (excluindo organizações dedicadas exclusivamente à disciplina, como estúdios ou associações de design)?

- Notas**
- | | |
|---------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| [1] Instituto Nacional de Investigação Industrial | [11] Centro Português de Design |
| [2] Instituto da Arte e Decoração | [12] Associação Empresarial de Portugal |
| [3] Sociedade Nacional de Belas Artes | [13] Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal |
| [4] Fundo de Fomento e Exportação | [14] Instituto Nacional da Propriedade Industrial |
| [5] Feira Internacional de Lisboa | [15] Instituto Português da Qualidade |
| [6] Associação Portuguesa de designers | [16] Design Management Institute |
| [7] Direcção Geral da Qualidade | [17] Bureau of European Design Associations |
| [8] Associação Industrial Portuguesa | [18] International Council of Graphic Design Associations |
| [9] Banco Português Atlântico | [19] Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa |
| [10] Fundação Calouste Gulbenkian | [20] Associação Nacional de Designers |

9. Referências bibliográficas

- AGAPITO, D.; ALMEIDA, H.; FERNANDES, M.; SÍLVIA, C.; LACERDA, A. (2015). *O perfil do designer e o papel do design nas empresas em Portugal* (1st ed.). Faro: Sílabas & Desafios.
- ALMEIDA, F. E MATTEONI, R. (2014). *Cartografia do conceito de Design Gráfico - Uma análise institucional e histórica*. <https://doi.org/10.5151/designpro-ped-01043>
- ALMEIDA, V. (2009). *O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Portugues entre 1959 e 1974*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.
- ALMEIDA, V. (2015). *Design Português: 1960/1979* (Vol. 4). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-8657-97-8
- AND (n.d.). AND – Associação Nacional De Designers. Retrieved September 13, 2022, from <http://and.org.pt/sobre>
- APD (1976). *Estatutos Associação Portuguesa de Designers*. In Livro de notas para escrituras diversas n.º 45-G do 12.º (pp. 60–72). Cartório Notarial de Lisboa. Retrieved September 2022, from <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.conceitosdiferentes.com/docs/CodigoDesigners.pdf>.
- APD (n.d.). *Associação Portuguesa de Designers*. Retrieved September 2022, from <https://agc.sg.mai.gov.pt/details?id=576362>
- Baltazar, M. (2015). *Design Português: 1940/1959* (Vol. 3). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-8657-96-1
- BARBOSA, H.; CALVERA, A.; BRANCO, V. (2015). *40 Years of Design in Portugal created by designer*. In Precedentes: Genealogia da Museologia do Design na Universidade de Aveiro (Vol. 1, p. 62-71). Aveiro: Universidade de Aveiro e ID+ Instituto em Design, Media e Cultura e Universidade do Porto
- BÁRTOLO, J. (2014). *Pequena história das exposições de design em Portugal* (ca. 1990 - ca. 2010). In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas, (23), 17–24. Retrieved from <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no-23-territorios-design-portugal.html>
- BÁRTOLO, J. (2015). *Design Português: 1900/1959* (Vol. 7). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-99377-0-3
- BÁRTOLO, J. (2015). *Design Português: 1960/2015* (Vol. 8). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-99377-2-7
- BÁRTOLO, J. (2015). *Design Português: 2000/2015* (Vol. 5). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-8657-99-2
- BÁRTOLO, J. et al. (2012, October 07). *Manifesto para o Design Português*. Arte Capital. Retrieved April 20, 2019, from <estado-da-arte-28-coletivo-manifesto-para-o-design-portugues>
- BASTOS, R. (2015). *Porto Design Factory aposta na "educação a partir da paixão"*. JPN. Retrieved September 2022, from <https://www.jpn.up.pt/2015/05/14/porto-design-factory-aposta-na-educacao-partir-da-paixao/>.
- DGARTES (2019). *Inov-art: Programa de estágios internacionais para jovens*. Retrieved March 17, 2019, from <https://www.dgartes.gov.pt/pt/acao/235>
- EXPERIMENTADESIGN (n.d.). *O que é a Experimentadesign?*. Retrieved September 9, 2022, from <http://www.experimentadesign.pt/index.html>
- FRAGOSO, A. (2010). *Formas e Expressões da Comunicação Visual em Portugal*. Retrieved from https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1440/1/tese_doutoramento_margarida_fragoso.pdf
- FREITAS, H.; NAZARÉ, L. (2011). *Res Publica – 1910 e 2010 face a face*. Retrieved April 07, 2019, from <https://gulbenkian.pt/museu/past-exhibit/res-publica-1910-e-2010-face-a-face/>
- GUEDES, G. M. (2015). *Design Português*. Retrieved April 20, 2019, from <https://www.designportugues.pt/pt/design-portugues>
- IADE (2014). *História do IADE*. Retrieved September 5, 2022, from <https://www.iade.europeia.pt/instituicao/historia>
- IADE (2014). *Iª Quinzena Estética industrial (1965)*. Retrieved September 5, 2022, from [http://unidcom.iade.pt/designportugal/i%C2%AA-quinzena-est%C3%A9tica-industrial-\(1965\).html](http://unidcom.iade.pt/designportugal/i%C2%AA-quinzena-est%C3%A9tica-industrial-(1965).html)
- INE, I.P. (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Lisboa, Portugal.
- INE, I.P. (2021). *Estatísticas da Cultura 2020*. Lisboa, Portugal.
- JORGE, R. (2013). *Troika chegou há cinco anos e saiu há dois: Portugal em 15 gráficos*. Negócios. Retrieved April 06, 2019, from <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/ajuda-externa/detalhe/troika-chegou-ha-cinco-anos-e-saiu-ha-dois-portugal-em-15-graficos>.
- LINHAS (2018). *Creative Science Park inicia atividade no primeiro trimestre de 2018*. Linhas, (28). Retrieved September 2022, from <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/53145>.
- LUSA (2019). *PE: Centro Português de Design "poderá" ser reativado pelo Governo*. Diário De Notícias. Retrieved April 23, 2019.
- MINISTÉRIO DAS FINANÇAS (2001). *"Artigo 151.º Classificação das actividades"*. Diário da República 193 SÉRIE I-B: 5390 a 539. https://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao_fiscal/codigos_tributarios/irs/Pages/irs155.aspx
- MUDE (2011). *Morte AO design! Viva O design! O Objeto EM Reflexão, 1980-2000*. Mude Design. Retrieved September 14, 2022, from https://www.mude.pt/exposicoes/morte-ao-design-viva-o-design-o-objeto-em-reflexao-19802000_23.html
- PARRA, P. (2014). *As origens do Design português: Design suave*. In Dom Quixote (Ed.), Design Et Al.: Dez Perspectivas Contemporâneas (pp. 145–168).

- PINA, A. (2017). *Guta Moura Guedes: "O design faz a ponte entre a cultura e a economia."* O Jornal Económico. Retrieved August 2022, from <https://jornaleconomico.pt/noticias/guta-moura-guedes-o-design-faz-a-ponte-entre-a-cultura-e-a-economia-214552>.
- PINHEIRO, G.; FRANQUEIRA, T. (2021). *Chief Design Officer: O caso de Stefano Marzano e Sean Carney na Philips*. ErgotripDesign, 5, 53-63.
- PINHEIRO, G.; FRANQUEIRA, T. (2021). *Da gestão do design ao Chief Design Officer - para uma narrativa histórica dos anos 50 até à atualidade*. ICIEMC20: International Conference on Innovation and Entrepreneurship in Marketing and Consumer Behaviour, Universidade de Aveiro, Portugal.
- PINHEIRO, G.; FRANQUEIRA, T. (2021). *Traces of Chief Design Officers in Design History: The Cases of Olivetti, Braun, and Apple*. In Advances in design and Digital Communication II: Proceedings of the 5th International Conference on Design and Digital Communication, DIGICOM 2021, November 4-6, 2021, Barcelos, Portugal (1st ed., Vol. 19, pp. 425–439). essay, Springer.
- PINTO, L. (2015). *Politécnico inaugura no Porto a quinta Design Factory que existe no mundo*. Público. Retrieved September 2022, from <https://www.publico.pt/2015/05/11/p3/noticia/politecnico-inaugura-no-porto-a-quinta-design-factory-que-existe-no-mundo-1823332>.
- SILVA, A. (2001). *Modos de Aprender*. (pp.12-17) in O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.
- SILVA, H. (2015). *Design Português: 1980/1999* (Vol. 5). Vila do Conde, Portugal: Verso da História. 978-989-8657-98-5
- VIEIRA, A. B. (2021). *A Porto Design Biennale quer pensar o presente a partir da realidade do outro*. Público. Retrieved September 2022, from <https://www.publico.pt/2021/05/11/culturaipsilon/noticia/porto-design-biennale-quer-pensar-presente-partir-realidade-1962101>.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04057/2020.



Bolsa de Doutoramento com a referência SFRH/BD/144147/2019